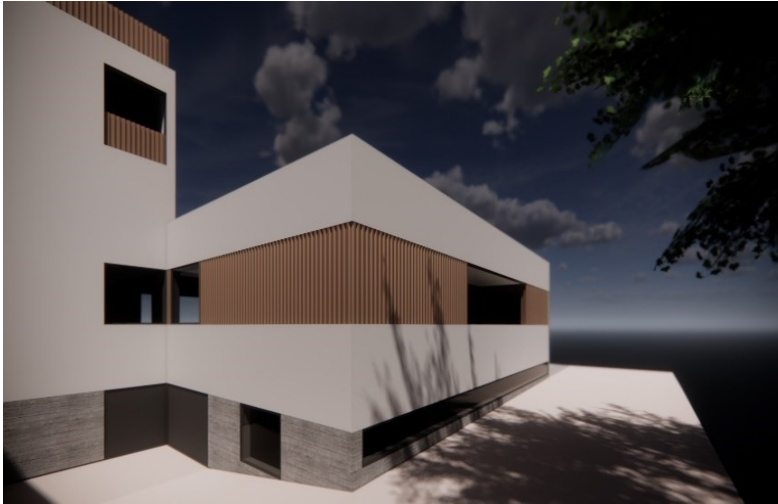




Nº 204– JUNHO de 2023

Jornal da Casa do Povo de Pico da Pedra Fundado em 1975

NÃO PODEMOS ESTAGNAR “CAMINHO EM CONSTRUÇÃO”



Apesar de estarmos cientes e conscientes que 2023 será um ano muito complicado, com o agudizar da crise económica e social, é com entusiasmo redobrado que o encaramos, lutando dia-a-dia, procurando fontes de financiamento que nos permitam continuar a fornecer um serviço de qualidade aos nossos utentes e em simultâneo desenvolver atividades de cariz, cultural, social, desportivo e recreativo, tão necessárias para as pessoas em tempo de crise.

Com 45 anos de profícua atividade, outros desafios nos são agora colocados, nomeadamente a nível de infraestruturas, realçando desde já a construção do nosso Centro Cultural e Criativo, que terá enorme impacto social e cultural na nossa freguesia e cujo projeto ainda se encontra para aprovação no Gabinete Técnico da Câmara Municipal da Ribeira Grande.

Nele, ficará instalada a Biblioteca Onésimo Almeida, um Centro de Estudos e Acolhimento para os jovens a partir dos 10 anos, pois, atualmente, não existe nenhuma estrutura para apoiar os jovens desta faixa etária no regresso da escola até à chegada dos pais que trabalham fora do Pico da Pedra; haverá ainda oficinas de pintura, carpintaria, artesanato e similares, onde os aposentados e não só, possam ocupar-se em atividades que sejam do seu agrado e para as quais tenham apetência.

Uma nova sala de convívio para os nossos avós é outra aspiração que se impõe pela sua necessidade imperiosa, mas que está dependente da aquisição de uma parcela de terreno a norte das nossas instalações. Está sendo muito difícil, mas temos fé de conseguirmos realizar este sonho, pois eles bem o merecem.

A ampliação da nossa creche é outra necessidade. A nossa sala de bebés só tem capacidade para receber oito, quando por vezes a lista de inscrições ultrapassa as duas dezenas. Este ano, para as diversas salas recebemos 54 inscrições e só conseguimos admitir 12 bebés. E para já não se falar do tão desejado pavilhão desportivo.

Outro assunto que tem merecido a nossa especial atenção, é sem dúvida a pintura exterior do nosso edifício, não só pela imagem negativa que transmite, como também pelo facto da humidade começar a surgir no seu interior. O seu elevado custo é impeditivo de sermos nós enquanto instituição e suportar tal encargo, pelo que aguardamos com esperança o resultado de uma candidatura feita para o efeito.

Poderá parecer ambicioso e até irrealista estes objetivos, mas apesar de sabermos o que tal implica, tal não nos assusta, pois estamos convictos que eles são imprescindíveis para a resposta social que queremos continuar a dar aos nossos conterrâneos.

Acreditamos com convicção que, tal será possível, pelo que todos os que amam o nosso Pico da Pedra estão convocados a nos ajudarem a trilhar este caminho de progresso.

O Pico da Pedra conta connosco e não podemos falhar a este apelo.

C.J.

Rostos Que Fazem o Pico da Pedra

João Luis da Câmara



#01 - ANTÓNIO JOSÉ DIAS BRUM

Nasceu em 15 de Dezembro de 1938, na freguesia de Pico da Pedra. Na Rua da Lomba.

Casado e pai de quatro filhas, sua esposa é natural também desta nossa freguesia.

Na sua vida profissional fez de tudo um pouco, eu sempre ouvi, que a única pessoa que sabia retelhar bem a casa da minha família no Monte, era o Tio José Brum, como sempre fui educado a chama-lo. Fez de quase tudo ao longo da vida, retelhador, mateiro, cuidava de estufas, tratava de vinhas, camponês. Cuidava das pequenas vinhas familiares da altura nas casas do Sr. Baltazar, do Sr. Martins, Sr. Agnelo e de outros que o contratavam até à vizinha freguesia de Calhetas.

Teve trabalho permanente na Fajã de Baixo como estufeiro e cuidador do prédio do Sr. José Pacheco Teves, hoje propriedade da família Sampaio da Novoa.

Morou neste prédio cerca de 10 anos e aí assistiu à revolução do 25 de Abril.

Após a morte do proprietário, José Brum volta para o Pico da Pedra com a sua família, onde continuou a trabalhar nas suas várias vertentes.

Entretanto nestes anos pós revolução volta a ser contratado para levar a bom porto umas estufas de ananás na freguesia de S. Roque.

Com a morte do proprietário destas estufas, volta para o Pico da Pedra e embora continue como homem de vários ofícios, gere um espaço comercial, na Rua 1 Barão da Fonte Bela, dividido entre mercearia e taberna. Ficou aberta durante vários anos.



Curioso que abria a taberna às 6 da manhã e fechava às 8 e voltava a abrir às 18h.

A melhor pergunta que fiz... o tio José porque fechava a taberna?

Joãozinho, a partir das 8 da manhã não havia ninguém no Canto da Fonte, todos trabalhavam, incluindo eu... para quê estar aberto? Os homens iam todos trabalhar para os campos e lavouras, até eu ia trabalhar por conta de outrem... Os tempos mudam realmente.

Anos depois com exigências camararias, encerra definitivamente a taberna e a pequena mercearia.

Continuou nos seus trabalhos de retelho entre outros, até o seu corpo permitir.

Foi o último grande retelhador lá do Monte. Com os panos difíceis de retelhar, com a altura da casa.

Acabei esta conversa ali no banco do Largo do Trabalhador, para mim será sempre Canto da Fonte, com estas últimas palavras... sabes Joãozinho, teu pai pediu me para retelhar a casa no Monte em 1985, no Verão, e disse me... retelha me agora a casa porque no próximo Verão posso não estar aqui. Assim foi... meu pai faleceu nesse Inverno.

E foi assim uma boa conversa no banco vermelho com o Tio António Brum, no Canto da Fonte.

Espero que tenham gostado. Se falhou qualquer coisa... perdoem.

Um abraço ao Sr António Brum e à sua família.

#2 - JOÃO CARLOS COUTO

Conhecido carinhosamente como Sr. João do Chá.

Nasceu na freguesia de Pico da Pedra, nomeadamente na Rua 24 de Agosto, a 8 de Janeiro de 1952, mas seus pais eram naturais da então freguesia de Rabo de Peixe.

Casado com uma picopedrense e pai de dois filhos, o Cláudio, que foi meu colega ainda na escola primária e que com as fatalidades da vida já não se encontra entre nós e o Marco também muito conhecido por nós todos.

Começou a vender chá com seu pai aqui no Pico da Pedra, chá este do Sr. António Augusto da Mota Frazão. O chá era vendido porta a porta em várias casas aqui na freguesia.

Começou a trabalhar cedo. Nas suas férias de Verão trabalhava nos estaleiros de tabaco na vizinha freguesia de Calhetas. Após sair da escola, trabalhou num café que existiu no fim da Rua Augusta em que o seu proprietário era o saudoso mestre Luís, o melhor alfaiate da Ilha, e um entusiasta caçador. Depois ainda trabalhou no café do Sr. Cabral.

Também trabalhou como outros picopedrenses, nas estufas na Fajã de Baixo.

Começou a trabalhar na construção civil numa casa em Santa Catarina propriedade do conhecido F. Cabral.



Após essa experiência e com o início da grande evolução que se começou a sentir na construção civil em que o Pico da Pedra não foi excepção, enveredou por esse caminho profissional. Das obras que realizou, entre várias casas de raiz e arranjos em muitas outras, conta com orgulho a construção da sede da Junta de Freguesia, o dito museu local e a Casa Mortuária, chegando a ter 21 colaboradores.

Foi pioneiro num projecto que na nossa opinião foi cedo demais. A célebre pista de Karts. Com um circuito em terra, karts super potentes, com um bar de apoio, fez as delícias de muitos jovens, negócio que permaneceu quase seis anos, cedendo o negócio mais tarde para outros.

O gostinho pelos motores levou o Sr. João numa brincadeira de moto 4 ter um acidente que o impossibilitou de trabalhar durante uns tempos, levando o a optar pela merecida reforma.

Continua um homem activo, na sua pesca e nos seus trabalhos manuais.

Um obrigado ao Sr. João Couto e à sua esposa terem me recebido em sua casa e disponibilizado um tempinho de conversa para mais um registo dos "Rostos que fazem o Pico da Pedra".



Paula Cabral

“Memórias”

O texto que desta vez escrevo não se relaciona diretamente com "memórias" que intitulam este espaço de crónica.

Porém, é preciso invocar as memórias e a história da nossa freguesia para se concluir o estado calamitoso a que se chegou neste assunto. Refiro-me ao património da Igreja, que devia estar ao serviço da comunidade, em particular a casa que foi da família de António Augusto da Mota Frazão, professor, patrono da nossa escola, pai de Dinis Moreira da Mota - nascido na referida casa e cujo nome foi atribuído à rua onde a mesma se situa - e Aristides Moreira da Mota, duas personalidades incontornáveis da história dos Açores. Nesta casa, viveu ainda Padre António de Mendonça, autor das *Memórias do Pico da Pedra* e grande orador da sua época, que dá nome à via envolvente à igreja e onde se encontra um busto feito em sua homenagem. Foi a sua família que doou a casa ao Pico da Pedra, tendo servido, em tempos, para administrar catequese e até funcionou como escola infantil durante o paróquio do saudoso Padre Leonardo de Medeiros. Desde então, a casa tem estado abandonada, a degradar-se sem piedade. Mais acima, a casa do passal segue o mesmo destino. Duas casas da propriedade da Igreja que envergonham a freguesia que sempre pugnou pela dignidade do seu património e pela salvaguarda da sua história. É inadmissível que uma instituição como a Igreja deixe ao abandono dois edifícios à sua guarda, sobretudo aquela pela qual devia assumir responsabilidades acrescidas, considerando o valor histórico que assume. Está provavelmente à espera que seja o erário público a suportar a sua recuperação, o que não seria a primeira vez. No entanto, questionamos as prioridades da instituição Igreja quando se vê gastos de natureza que facilmente dispensaríamos. Filmes e estátuas participadas com verbas do orçamento regional são o caso.

De resto, olhando ainda para a história desta freguesia, é com tristeza que se observa no presente a situação a que se chegou no que toca à dinâmica da paróquia. É sabido que o atual pároco é uma pessoa com problemas de saúde, mas também é certo que a freguesia que cresceu mais na região em termos de população, segundo os últimos censos, deveria receber mais atenção por parte da Diocese. Deixou de haver grupos de várias ordens, nada sabemos sobre o estado dos edifícios da igreja nem do salão paroquial, não há visitas para confissão aos acamados e doentes, a



não ser por um grupo de voluntários que ministram a comunhão, enfim, toda uma dinâmica exigida por uma freguesia que sempre se pautou pela eminente atividade a todos os níveis, inclusivamente a religiosa. Não fosse o casal Paula e Vítor Alves, a nossa igreja já teria fechado portas e, se calhar, estaria a seguir o mesmo destino das casas.

É preciso que se olhe para isto e que este jornal, que até nasceu da vontade de revitalizar a igreja da freguesia, chegue com este apelo à nossa Diocese.





Luís Miguel Almeida

“Se calhar...”

ENTREVISTA A TEÓFILO BRAGA - “Sou ecologista e não ambientalista!”

Teófilo Braga nasceu na freguesia da Ribeira Seca de Vila Franca a 22 de outubro de 1957. Trocou a sua freguesia pela nossa freguesia “por razões sentimentais”. É professor, mas é mais conhecido pelo grande público pela sua dedicação às causas da Natureza. Esta é a primeira parte de uma simpática entrevista que foi gravada no quarto dia do mês de junho e que vai versar a sua atividade como ecologista.

P: Começemos pelos livros que escreveu, em especial, o último que foi apresentado recentemente...

R: Já escrevi alguns livros e brochuras, a maioria em coautoria com amigos, sobre os temas da energia e do património natural dos Açores. Os mais importantes terão sido em colaboração com Raimundo Quintal, como “Jardim José do Canto-100 árvores”, “Árvores dos Açores - Ilha de São Miguel” e “Mata do Dr. Fraga-Herança Viva de um Madeirense”. Sozinho, entre outras publicações e textos publicados em jornais e revistas locais e nacionais, escrevi “Vidas Exemplares”, sobre pessoas que de algum modo se destacaram na sociedade em que viveram, “Aves observadas pelo Eng.º José Maria Álvares Cabral” e, o mais recente, “As plantas na medicina Popular nos Açores”.

Este último livro tem uma introdução sobre os trabalhos já publicados na medicina popular nos Açores, depois uma breve resenha histórica da medicina popular no nosso arquipélago e a parte final é a descrição de 55 espécies usadas. Para cada uma das espécies faço uma pequena descrição botânica, apresento também algumas propriedades medicinais de acordo com a bibliografia científica e os usos na medicina popular. Finalmente, apresento os resultados de um inquérito que apliquei em várias freguesias de S. Miguel com a ajuda de vários colegas professores e alunos de várias escolas, nomeadamente, da ES Antero de Quental e da ES Ribeira Grande.

P: De onde vem esse seu amor pelas causas ambientais?

R: Desde criança que estive ligado ao campo, o meu pai era agricultor e eu acompanhava-o sobretudo nas colheitas. Depois foi consequência das influências que recebemos: nós somos a educação que recebemos em casa, somos a educação e a instrução que recebemos na escola, mas também nos educamos através dos exemplos de outras pessoas e das leituras que fazemos.

Na militância ambiental, além do meu contacto com a natureza desde criança, foi o contacto com uma pessoa que era muito sensível a essas questões, o sr. George Hayes, que foi um professor de Inglês, hoje reformado, que realizava percursos pedestres aqui na ilha, sobretudo com explica-

do seus. E como era amigo deles acompanhei-o. Além do caminhar, ele era muito sensível à proteção da natureza ou, então, mesmo a aspetos negativos – por exemplo, quando se encontrava resíduos depositados, etc. Por fim, as leituras que fiz desde a década de oitenta do século passado despertaram-me para esta área.

P: O que o levou a ser um dos fundadores da Associação Ecológica “Amigos dos Açores”, cuja sede está aqui no Pico da Pedra?

R: Comecei a ter uma intervenção junto da sociedade sobretudo na Ilha Terceira quando cheguei à conclusão de que sozinho não se consegue fazer nada. Então, como na Ilha Terceira, havia apenas uma associação, a Associação “Os Montanheiros”, que se dedicava sobretudo à realização de percursos pedestres e à exploração de grutas, achei que devíamos criar uma associação de outro tipo, uma associação com intervenção na sociedade. E, não havendo nenhuma, com um grupo de amigos criamos, em 1982, a “Luta Ecológica”.

Com o meu regresso a São Miguel, em 1984, entrei em contacto com uma associação existente no continente, chamada “Amigos da Terra – Associação Portuguesa de Ecologistas”, por carta, porque não havia os recursos que temos (internet, por exemplo), e com o seu acordo criámos um núcleo aqui nos Açores. Portanto, o que é hoje designado por “Amigos dos Açores”, no início era “Núcleo dos Açores dos Amigos da Terra – Associação Portuguesa de Ecologistas”. Depois, ao fim de algum tempo e por causa de algumas confusões na comunicação social relacionadas com a atividade desta associação, nós decidimos criar uma associação completamente independente. Então criamos a Associação “Amigos da Terra/Açores”. Finalmente, e porque havia confusão entre as duas siglas (“Amigos da Terra – Associação Portuguesa de Ecologistas” e “Amigos da Terra/Açores”), decidimos alterar a designação, passando a associação a chamar-se “Amigos dos Açores”.

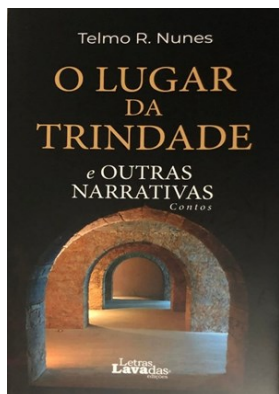


P: E por que escolheram o Pico da Pedra para instalar a sede dos “Amigos dos Açores”?

R: Foi aqui, porque as pessoas mais ativas do núcleo inicial residiam no Pico da Pedra. Então, primeiro, falamos com a Direção da Casa do Povo e chegamos a ocupar uma estante na sua Biblioteca onde guardávamos o material e lá reuníamos-nos. Depois com a remodelação da Junta de Freguesia, solicitamos um espaço na sua sede e passamos a ter a nossa sede no segundo piso da Junta de Freguesia até que, com a não utilização do Museu Local, a sede pas-

“Dois Livros por Trimestre”

Luís Almeida



Foi o primeiro livro que li deste meu colega e gostei muito dos contos que constituem este “Lugar da Trindade e Outros Contos”. São dez contos antecedidos pelo “Prefácio da Triplicidade”, assinado por Pedro Almeida Maia. Todas as narrativas têm S. Miguel como cenários (reais ou ficcionados).

Em primeiro lugar, é preciso deixar claro que estes textos retratam a vida como ela é: com momentos solidários, enformados pelo amor, profundamente humanos, por vezes,

vividos de forma inocente, o que espoleta a ironia que, algumas vezes, é dura e implacável com o destino dos homens, que termina irremediavelmente na morte ou, pelo menos, na destruição dos sonhos. Assim destaco “O Comodato”, narrativa que mistura família, miséria, violência doméstica (também presente em “Bom Ensino”), um triângulo amoroso e destruição bem como “Jorge Salimo Piuza” e “Fórmula C21H23N05” que retratam magistralmente as consequências do consumo de droga quer para os toxicodependentes quer para quem os rodeia. Ao mesmo tempo chamo a atenção para o conto “O Lugar da Trindade”, talvez o mais micaelense de todos, o que melhor retrata, mesmo do ponto de vista psicológico, a vida arriscada e ingrata dos pescadores que, muitas vezes, termina em tragédia.

Em suma, a capacidade imaginativa e criativa de Telmo R. Nunes, bem vinculada nesse “tal lugar da Trindade [que] não existe”, e a sua escrita cuidada e muito sensorial são a “trindade verdadeira neste livro [...]: argúcia, competência e originalidade.”, como assegura Pedro Almeida Maia.



Este pequeno romance do angolano Manuel Rui tem como pano de fundo Angola depois de Independência, período marcado pelo fervor ideológico comunista, pelos “camaradas”, pelas decisões coletivas, pela censura aos hábitos do ex-colonizadores... mas centra-se na vida corriqueira e ingênua de dois irmãos e um amigo, crianças, moradores no mesmo prédio.

Amigos desde sempre, Ruca e Zeca, irmãos, e o amigo Beto lutam pela sobrevivência de um

porco através de estratégias muito originais, típicos de garotos, de forma a que o pai dos irmãos, o Diogo, não consiga o seu objetivo com o suíno. Sentimos, por um lado, a sensibilidade e o amor dos jovens pelo animal e a fome e a brutalidade do adulto, por outro. O fosso entre a vida dos adultos e a vida das crianças pressente-se também na luta entre as regras dos adultos (comissão de moradores, comissão censura da composição, dar de comer ao porco para engordar para matar a fome) e a ingenuidade das crianças.

No fim, o sonho dos meninos não passará disso mesmo – eles sabem que ainda não têm a força (de uma onda) para vencer os adultos.

“Se calhar...”

continuação

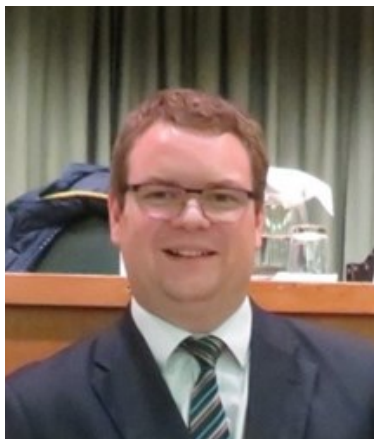
sou para o seu rés-do-chão.

P: O que acha que foi conquistado de positivo nos Açores de mais importante do ponto de vista ambiental?

R: As sociedades evoluem e tenho a certeza de que, não existindo associações ou movimentos da sociedade protetores do ambiente, a situação, hoje, seria diferente. A consciência ambiental partiu de dentro (desses movimentos), mas também teve influências do exterior, nomeadamente da integração na Comunidade Europeia, porque, se nós não tomarmos determinadas medidas, há imposições exteriores que fazem com que haja alterações das políticas. De qualquer maneira, se não houve alterações de fundo na sociedade em si, há pequenas alterações que foram conseguidas e algumas delas foram-no devido também à pressão das associações, por exemplo, a Caldeira Velha, a Ferraria, a Lagoa do Congro são áreas protegidas que existem, porque foram propostas pelos “Amigos dos Açores”. Se tal não acontecesse, é possível que elas já fossem áreas protegidas, mas penso que, pelo menos, a intervenção dos “Amigos dos Açores” terá acelerado o processo.

P: O que é ainda falta fazer, nos Açores, do ponto de vista ambiental?

R: Normalmente, quando sou apresentado na comunicação social, sou apresentado como sendo ambientalista, que é uma coisa de que eu não gosto – apesar de nunca ter dito isto! E vou explicar porquê: porque considero que há uma diferença entre o ambientalista e o ecologista. O ambientalista é uma pessoa que acha que a ciência e a técnica são capazes, por si só, de resolver os problemas ambientais. Eu considero-me ecologista, porque acho que, se fosse apenas através da ciência e da tecnologia, os problemas ambientais já estariam quase todos resolvidos. O que eu acho é que é preciso mudanças profundas a nível da sociedade, porque considero que os problemas ambientais são problemas sociais. E se a sociedade continuar com os mesmos padrões de produção e de consumo, nunca conseguiremos resolver as questões ambientais. Em termos dos Açores, há uma coisa que acho que é profundamente errada, que é o tratamento dos resíduos sólidos – eu não concordo com a solução do tratamento dos resíduos através da sua incineração. Se nós quisermos tratar dos resíduos, temos de seguir à risca a Política dos 3 R’s: primeiro, é reduzir e isto nunca foi feito, não há nenhuma medida de fundo para reduzir a produção de resíduos sólidos e esta, para mim, é a questão principal.



André Oliveira

Junho de 2023

Considerações

Ilusão económica?

No meio das “trapalhadas” com a TAP e o SIS, o Governo da República tenta apresentar os números mais recentes da economia portuguesa, que mostram bons sinais:

- Crescimento homologado do PIB de 2,5% no primeiro trimestre de 2023;
- Crescimento das exportações, sobretudo devido ao turismo, mas também à indústria;
- Taxa de desemprego baixa e estável;
- Taxa de inflação a baixar para perto dos 4% em maio.

No entanto, a sensação (ou mesmo a realidade) é que não se está a viver melhor. Continuamos com um ambiente de crise económica e social, com receios por parte da população, como mostram os inquéritos realizados por institutos nacionais, assim como várias reivindicações de classes profissionais e sociais. Vivemos numa ilusão económica, que não corresponde à realidade social? Por que os números da economia não se refletem numa melhoria da qualidade de vida?

Recordando uma famosa frase de Luís Montenegro aquando da governação de Pedro Passos Coelho: *a vida das pessoas não está melhor mas a do País está muito melhor.*

A verdade é que os efeitos do crescimento do PIB não chegam a todos da mesma maneira e ao mesmo tempo. Atualmente, as empresas exportadoras estão a alavancar o crescimento económico (o que é muito bom para a economia), mas o consumo privado das famílias não. As famílias continuam “sufocadas” com impostos, prestações, preços altos e baixos salários.

O consumo privado não parece dar sinais de crescer significativamente nos próximos tempos, fruto do contexto e das medidas aplicadas.

Veja-se que, para combater a inflação, houve um aumento brutal das taxas de juro, que resultou em aumentos de prestações de crédito à habitação. Essas pessoas só verão um alívio nas suas vidas quando as taxas de juro começarem a descer, o que não se espera que seja em tão curto prazo.

Adicionalmente, quem não teve aumentos nos salários e nas pensões acima da inflação, a verdade é que perdeu poder de compra. Para essas pessoas, a situação não me-

lorou, mas sim piorou. O seu salário permite comprar menos, o que não induz o consumo. A situação só será reposita quando houver aumentos nos salários e nas pensões acima da inflação ou se houver deflação (descida generalizada dos preços).

Por fim, o poder executivo está a conter-se nos apoios às famílias para manter as contas certas e reduzir a dívida pública.

Sim, a economia portuguesa cresce, mas não é devido ao consumo das famílias portuguesas, nem este deverá ser o motor de crescimento no futuro próximo. A economia portuguesa cresce devido ao aumento das exportações de bens e serviços e o efeito multiplicador, através do emprego e dos salários, levará certamente tempo a ter resultados concretos na carteira dos portugueses.





José Francisco Tavares Lopes

Recordações!

“Você nunca saberá se não perguntar, nunca viverá se não tentar, nunca irá vencer se não lutar. Lembre-se da sabedoria da água: ela nunca discute com um obstáculo, simplesmente o contorna”

As investigações da vida revelam bem que a autoconfiança dos seres humanos deve assentar no dia a dia em que sempre são necessárias.

Faça sempre da sua ausência o bastante para que alguém sinta a sua falta, mas não a prolongue demais para que esse alguém não aprenda a viver sem ti.

Veja, por exemplo, o que nos conta a seguinte história – dedico-a a todos - que designo como

A LOJA DE CD'S!

Era uma vez um garoto que nasceu com uma doença que não tinha cura. Tinha 17 anos e podia morrer a qualquer momento. Sempre viveu na casa de seus pais, sob o cuidado constante de sua mãe.

Um dia decidiu sair sozinho e, com a permissão da mãe, caminhou pela sua quadra, olhando as vitrines e as pessoas que passavam. Ao passar por uma loja de discos, notou a presença de uma garota, mais ou menos da sua idade, que parecia ser feita de ternura e beleza.

Foi amor à primeira vista. Abriu a porta e entrou, sem olhar para mais nada que não a sua amada. Aproximando-se timidamente, chegou ao balcão aonde ela estava. Quando o viu, ela deu-lhe um sorriso e perguntou se podia ajudá-lo em alguma coisa. Era o sorriso mais lindo que ele já havia visto e a emoção foi tão forte que ele mal conseguiu dizer que queria comprar um CD. Pegou no primeiro que encontrou, sem olhar de quem era e disse:

- Esse aqui!

- Quer que embrulhe para presente? – perguntou a garota sorrindo ainda mais.

Ele balançou a cabeça para dizer que sim e disse:

- É para mim mesmo, mas eu gostaria que você embrulhasse.

Ela saiu do balcão e voltou, pouco depois, com o CD muito bem embalado. Ele pegou o pacote e saiu, louco de vontade de ficar por ali, admirando aquela figura divina.

Daquele dia em diante, todas as tardes voltava à loja de discos e comprava um CD qualquer. Todas as vezes a garota deixava o balcão e voltava com um embrulho cada vez mais bem feito, que ele guardava no closet, sem que-

rer abrir.

Ele estava apaixonado, mas tinha medo da relação dela, e, assim, por mais que ela sempre o recebesse com um sorriso doce, não tinha coragem para convidá-la para sair e conversar.

Acabou por comentar isso com a sua mãe e ela o incentivou, muito, a chamá-la para sair. Um dia, ele se encheu de coragem e foi para a loja. Como todos os dias, comprou outro CD e, como sempre, ela foi embrulhá-lo. Quando ela não estava vendo, ele escondeu um papel com seu nome e telefone no balcão e saiu da loja correndo.

No dia seguinte o telefone tocou e a mãe do jovem atendeu. Era a garota perguntando por ele. A mãe, desconsolada, nem perguntou quem era, pois começou logo a solucionar e disse:

- Então, você não sabe? Ele faleceu esta manhã!

Mais tarde, a mãe entrou no quarto do filho, para olhar suas roupas e ficou muito surpresa com a quantidade de CD'S que ali existiam, todos embrulhados. Ficou curiosa e decidiu abrir um deles. Ao fazê-lo viu cair um pequeno pedaço de papel, onde estava escrito:

- Você é muito simpático. Não quer me convidar para sair? Eu adoraria.

Emocionada, a mãe abriu outro CD e dele também caiu um papel que dizia o mesmo e, assim, todos quantos ela abriu traziam uma mensagem de carinho e a esperança de conhecer aquele rapaz...

CONCLUSÃO: Assim é a vida! Não espere demais para dizer a alguém especial aquilo que você sente. Diga-o já. Amanhã pode ser muito tarde. Aproveite e fale, escreva, telefone e diga o que ainda não foi dito. Não deixe para amanhã. Quem sente não dá mais tempo.



Teófilo Braga

Pico da Pedra, 12 de maio de 2023

As plantas e a medicina popular no Pico da Pedra (2)

No número anterior da Voz Popular, escrevi sobre a arruda. Neste número a planta contemplada é o alecrim, também conhecido por alecrim-da-terra (*Rosmarinus officinalis*), que é originário da Região Mediterrânica.

O alecrim é um arbusto com caules lenhosos que pode atingir 1,5 m de altura. As suas folhas são opostas, verde-escuras, coriáceas e lanceoladas. As suas flores, muito perfumadas, são pequenas de cor azul-pálida, raramente rosadas ou brancas, havendo também cultivares com flores azul-escuras.

Hoje, o alecrim é cultivado como planta aromática, os apicultores cultivam-no como espécie cujas flores são muito apreciada pelas abelhas e também é usado como planta ornamental, como acontece, no Pico da Pedra, no Parque Pedagógico Recreativo Infantil Maria das Mercês Carreiro.

No passado, o alecrim era muito apreciado nas freguesias rurais da nossa ilha. Assim, no Boletim da Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores, nº 15, podemos ler: “Nas velhas habitações rurais de todas as povoações açorianas, quem ponha o pé fora da porta da cozinha e passe o pátio do porco, com a “cova do esterco” à ilharga, verá sempre, à beira do atalho, esse pequeno arbusto, sobre cuja copa, de minúscula folhagem, a lavadeira há-de pôr em estendedouro a roupa mais delicada para que a mesma, em secando sobre as chapadas de sol, absorva o seu aroma a um tempo delicado e activo”.

O Dr. Urbano Mendonça Dias, na obra “A Vila”, e o padre Ernesto Ferreira, no livro “A Alma do Povo Micaelense”, escrevem que o alecrim era usado para “tirar quebranto”. Para tal, com um galho de alecrim faziam três cruzeiras nas costas e no peito de uma pessoa e ao mesmo tempo diziam:

*Galho de alecrim,
Meu galho de encanto,
Tira deste corpo
O ar ou o quebranto.
Em nome do Padre
Do Filho e do Espírito Santo.*

O padre-mestre vila-franquense Manuel Ernesto Ferreira, no livro citado também menciona o uso do alecrim, juntamente com o rosmaninho e com folhas secas de alho nos “defumadoiros” para “curar o quebranto ou estado de morbidez causado pelo mau-olhado de certas pessoas injejas e más”. Ainda segundo ele sempre que se tratava de uma criança, os dizeres eram:

*Assim como a Virgem perfumou
Seu bendito Filho pr’a cheirar,
Assim eu perfumei este menino
Para seus males se curar*

Sobre o uso na medicina popular, são vários os fins indicados, quer por diversos autores, quer através dos inquéritos efetuados.

O médico terceirense Acúrcio Garcia Ramos (1871) considerou o alecrim como “tónico e excitante, mas pouco usado” e Silvano Pereira (1953) afirmou que o alecrim, embora no passado fosse usado para tratar as mais diversas doenças, apenas era aconselhado como tónico e estimulante estomacal.

Em 1988, na Ribeira Seca da Ribeira Grande, o alecrim era usado contra os inchaços e na Ribeirinha para combater problemas intestinais.

No Pico da Pedra, em 1992, uma moradora da Avenida da Paz afirmou que usava o alecrim para combater os abscessos.



Edison Alves Dias



O Futebol

Gosto de ver futebol!
 Na Televisão, como muita gente.
 Nunca imaginei gostar tanto de ver futebol!
 (A parte mais negra da minha alienação!)
 Sim, a nota musical de adormecer suavemente.
 E em algumas noites ou em fins de tarde de descanso,
 Com o jantar a sossegar os ânimos
 (porque é dos verdes que agora falo)
 O futebol e o Sporting!
 A resignação e o clamor da esperança,
 E, no entanto, mastigo, como me esquecesse de falar,
 Na presença quente de amizades antigas,
 (Não são muitas)
 As suficientes para preencher a mesa do Rarinantes,
 Ou outras
 E aos gritos de euforia festejar o golo de vitória:
 Poucas vezes, poucas vezes os contentamentos de vitória
 E muitas outras, tão vastas são as derrotas,
 De desânimo já tristemente afeiçoado,
 Ou esta mítica vocação de estar sempre ao lado dos vencidos.

Ai! Como gosto de ver futebol!
 Na Televisão, com gente à volta e ver, ver por inteiro
 A arte do jogo, a habilidade do atleta
 E o golo superlativa que apenas cabe nos anais da imaginação,
 Ou sentir os jactos fumegantes de emoções até ao lavar dos cestos!
 E mais tarde, de volta ao repouso nocturno,
 Duas voltas na cama... e acordar a meio da noite
 Às apalpadelas, num passeio alegre
 Para esvaziar o vaso vesical,
 Das cervejas de animação da noite de futebol.
 E no regresso aos lençóis do aconchego
 No roncar para aqui ou para ali
 Um bufar suave ou ruidoso
 Cada qual chega ao amanhecer
 Mais leve, nesta idade avançada, que resiste a qualquer desapontamento.

Ai! Como gosto de ver futebol!
 Na Televisão, com gente à volta e pensar
 Como será triste a vida de quem não vê futebol
 À mesa da amizade com cervejas, petiscos, tremeços e outros comes!
 E no final rir a bem rir
 Rir para dentro e rir às gargalhadas
 Como quem pergunta:
 Que oportunidades ou que futuro injusto e desigual,
 Caberá no sonho real de igualdade que há muito procuro?

Não venhas agora com o escarro de desilusão
 De quem não gosta de ver futebol.

Ai! Como gosto de ver futebol!

Escrito na varanda da minha casa, com vista para o rio Judeu e Lisboa a 12-05-2023. Revisto a 14-05-23

Nem Adeus, nem Regresso

Vagarosamente
 Minha Ilha, meu tesouro de outros tempos
 Suspiro por ti por um momento de ternura, um rumor de vida
 Que me inspire e me acalme
 Certo que o longe me torna perto
 E no perto me vejo longe
 De ti
 Minha ilha de berço
 Minha música de embalar
 Calção curto nas manhãs da inocência
 Que agora procuro e não te revejo.

Lembra-me sempre o frémito da ilha, na hora do recomeço
 E quando parti
 Minha Mãe
 No silêncio dorido da sua carne
 Me disse
 Que tudo está certo para realizar os sonhos e a vida
 Tudo está no destino e nos silêncios dos corações.

E sem tempo para pensar
 Apenas lutar, lutar em cada dia de sofrimento
 E agora que aqui estou
 Acendendo a memória antiga, quando nada tinha a dizer
 Apenas escutar
 Apenas sentir o sangue a encher as veias da ternura
 Nas estranhas noites de inverno
 Com este longo e puro sentimento
 De que ninguém conhece as suas próprias mãos!

O regresso não será o meu destino de ilhéu,
 Nem esta vontade de voltar ao Mar!

PRIMAVERA A ENTRAR

<p>Chegamos à estação, Apontou o calendário! Não está tempo de feição Como era necessário. Mas hoje, está lá escrito, É tempo e já foi dito, Que começa a primavera. E o que é que se espera: Que ela entre amena e doce Como era habitual, E que dê os seus bons ares Para as árvores se vestirem; E que toda a passarada Comece a fazer ninho... Mas, nem sempre é assim! Quando o tempo é ruim, O mau tempo vai em frente E a seu mando o vento sopra</p>	<p>E a chuva vai caindo, Mas nem por isso impedindo A natureza de agir! Os verdes vão avultando E os pássaros cantando Vão tornando as madrugadas Mais alegres, animadas... O mau tempo vai cedendo Lá deixa o sol brilhar! Os dias vão aquecendo, E nós vamos percebendo Que a estação se assume: Pois, no ar já há perfume Da Primavera a entrar!</p>
---	--

2023/03 G. Bernardo

Construção da Igreja Paroquial de Nossa

BÊNÇÃO DA IGREJA

A bênção da igreja teve lugar a 13 de Setembro do ano de 1807. Sobre o evento o Pe. António Furtado Mendonça transcreveu o assento que se segue:

“Foi benta a ermida pelo dito Rev.º Dr. Ouvidor, e logo se cantou missa, com os melhores músicos e com os mais brilhantes instrumentos.

Pregou o Rev.º Padre Mestre Vigário Provincial do convento da Graça Frei Bernardino da Costa. Ali apareceram muitos vigários, beneficiados, sacerdotes, pessoas da primeira nobreza da ilha, e três negociantes ingleses¹, dos quais um tinha ofertado três sinos, outro dourado um altar, outro dado os ornamentos.

Estes vieram dois dias antes com bandeira para a torre dos sinos, e para dela lançarem várias qualidades de fogo. Tudo se fez gratuitamente, e com esplendor, que deu estrondo por toda a ilha, de cuja fundação ficaram os fregueses muito satisfeitos, por verem bem empregadas as suas esmolas e trabalhos. E por ser verdade todo o referido fiz o presente assento, para todo o tempo constar.

O cura da dita ermida José Manuel Pereira².

DÚVIDAS DA CORREIÇÃO

Sobre a bênção da igreja e pelo que o Pe. José Manuel Pereira deixou registado, sabemos que ele teve problemas aquando da apresentação das contas em Correição, as quais incluíam importâncias destinadas à compra de açúcar, carne e vinho para a festa da inauguração da igreja, o que motivou dúvidas por parte do Promotor e do Corregedor e a explicação destas, por parte do Cura que justificou tais festejos da seguinte forma: *“ A cortesia nasce da dependência, assim pareceria ingratidão, sem desculpa, depois de virem como vieram o Rev. Dr. Ouvidor (...) Dâmaso José de Carvalho benzer a Ermida, o Rer. Provincial da Graça pregar, músicos da Cidade e da Ribeira Grande, Vigários Beneficiados fazerem a função tão esplêndida, e gratuitamente, irem [depois] pelas duas horas da tarde a suas casas tão distantes [sem se] refazerem-se. Que os fregueses naquele dia estavam capazes de dar o sangue das veias”.*

Com a bênção da igreja ficava concluído um velho sonho dos habitantes de então. Todavia o sonho do cura ainda não se concretizara completamente.



VERBAS OFICIAIS PARA A CONSTRUÇÃO DA IGREJA

Ao que parece não houve verbas oficiais destinadas à construção da Igreja. A única alusão a uma verba de duzentos mil reis por favorável despacho do ouvidor eclesiástico Dâmaso José de Carvalho, e que o Pe. José Manuel Pereira só recebeu metade, julgo ter sido a única dádiva referente à hierarquia eclesiástica, na

época da construção do templo.

No documento referente ao despacho para a colocação do Santíssimo, na sentença do património, datada de 3 de Agosto de 1813, lê-se que a verba é de: *“dezassete mil e novecentos reis em património perpétuo para ajuda do azeite e cera para o serviço da capela e poderão recorrer ao Príncipe Regente Nosso Senhor, não só para a confirmação da dita esmola (a verba é referente a diversos foros, doados pelos fieis, como se pode ver noutra local deste trabalho) mas para toda e qualquer outra que o povo devoto daquela ermida, digna de ser paróquia, quiser concorrer até aquela quantia que julgar útil e necessária para a conservação da ermida e despesas feitas anualmente com as necessárias administrações”.* Portanto não há dúvidas que cabia ao Povo, e só a este, contribuir para o sustento da sua igreja.

Em épocas anteriores, em algumas igrejas, havia duas fábricas, como acontecia na do Bom Jesus de Rabo de Peixe. A fábrica menor, que era uma comissão a quem competia recolher as esmolas do povo e a fábrica maior, pertencia à Real Fazenda, a qual competia contribuir para a construção, conservação e provisão de parte das igrejas Insulares, por estas pertencerem à ordem de Cristo.

A vida desde o final do século XVIII e as primeiras décadas do século XIX mudou muito em Portugal e consequentemente nos Açores. Embora a Ilha de S. Miguel não tivesse sido muito afectada com as crises e as guerras europeias derivadas da revolução francesa, os ideais do liberalismo acabaram por cá chegar e foi de cá que partiram os bravos que haviam de ficar na história, como os bravos de Mindelo, e os decretos de Mouzinho da Silveira, que fizeram caducar o antigo regime, também aqui alguns foram redigidos.

A nossa economia era baseada na exportação da laranja para a Inglaterra e trazia riqueza a esta ilha, embora fossem as elites: os grandes proprietários e os donos das companhias exportadoras, os grandes beneficiados de tais lucros. No entanto, ao povo, é provável que tivessem chegado as migalhas dessa fartura, traduzidas em salários de

Senhora dos Prazeres (parte II)

Gilberto Bernardo

sobrevivência, pagando-lhes a mão-de-obra para assegurar a laboração.

De acordo com os dados mencionados na visitação de 1735, e os recolhidos 74 anos depois, no rol de confessados do ano de 1809, este número quase triplicou. Assim, o número de fogos passou de 99 para 224 e o de almas de confissão e comunhão passou de 334 para 722³.

Os terrenos de cultivo haviam também aumentado, de acordo com um documento da época, onde se fala da dilatada freguesia e se pode ler o seguinte: *“sendo junta ao mato, como ocularmente presenciei, se tem rompido pelo crescimento do povo e se tem feito cultivada de terra de pão produzindo grandes novidades.”*⁴ A terra, ao que parece, era toda cultivada, derrubando-se o mato em favor das terras de pão e das destinadas às quintas para cultivo da laranja. De acordo com esta produção o Pe. Mendonça, no início do século XX, escreveu: *“Abundaram noutra tempo nesta freguesia os laranjais, que, após a sua decadência de meio século, vão recuperando os créditos perdidos, com a plantação de novas quintas em que abundam já as laranjas selectas, os limões e outras frutas.”*⁵ Embora não tenhamos encontrado referências ao cultivo da laranja nesta freguesia através do livro de Contas, e apenas se mencione a oferta de um carneiro ao Sr. Guilherme Brander por ter oferecido os sinos. O certo é que, os comerciantes ingleses da laranja deviam ter interesses na comunidade picopedrense. Pois, só assim se justifica a vinda de três deles, na altura da bênção da Igreja. Um, como já foi referido, por ter oferecido os sinos; outro para deitar fogo-de-artifício para animar a festa e outro por ter doirado um altar. Teriam estes comerciantes homens desta freguesia ao seu serviço ou apenas tinham interesse nas laranjas que se produziam nesta área? Esta é mais uma das questões para a qual ainda não temos resposta.

Sobre produções agrícolas temos várias referências no Livro de Contas. Provavelmente havia muito cultivo de linho, pois aparecem várias dádivas de plantas de linho, cujo cento custava três mil reis. A semente, chamada linhaça, era moída para fazer o óleo destinado às tintas e também para fazer emplastos para cura de certas feridas e de dores, esta semente vendia-se ao alqueire custando entre 500 a 520 reis. Os panos de estopa de linho, custavam cada vara, entre 220 e 310 reis, dependendo se eram panos curados ou não.

Os bens alimentares, no caso dos cereais: o feijão, vendia-se ao alqueire, e custava cada um entre 600 a 850 reis; o trigo, havia anos em que custava 500, noutros custava 700 reis, o alqueire; A fava vendia-se também ao alqueire e custava entre 300 a 550 reis.

A banha de porco, com a qual se cozinhava, custava 300 reis o litro.

O vinho, era comparado ao pote, cada pote era, em média, 12 litros, e custava entre 1.000 a 1.200 reis.

Estes são preços que se praticavam nas arrematações efectuadas a favor da construção da Igreja, entre 1804 e 1807.

Os preços dos salários diários oscilavam de acordo com a profissão e especialização do operário. Um canteiro ganhava 500 reis dia; o cabouqueiro, que também trabalhava a pedra em bruto, ganhava apenas metade deste preço, 240 ou 250 reis; os pedreiros ganhavam a 300 reis e os carpinteiros entre 300 a 400 reis por dia. Porém, os serventes e os trabalhadores indiferenciados ganhavam apenas 200 reis diários.

Por vezes durante as obras da igreja havia trocas directas, ou seja: o pagamento dos oficiais era feito através de géneros.

Outros bens de consumo, como por exemplo: o azeite de oliveira, a que o povo, nessa altura, chamava azeite doce, podia custar até 600 reis o litro. Era este azeite utilizado para a lâmpada do Santíssimo; o outro azeite, o de peixe, que as pessoas colocavam nas lamparinas para iluminarem a casa, custava 300 reis o litro.

E se na altura havia muitas casas cobertas de colmo, era porque cada mil telhas custavam entre quatro a seis mil reis.

As tábuas de pinho importadas da Figueira da Foz, dependendo da sua espessura, cada dúzia podiam custar entre mil e oitocentos a três mil e seiscentos reis.

Cada molho de junco para colocar no piso da Igreja pelas festas custava duzentos reis, fora o frete.

O vidro⁶ era dos bens mais caros. Cada vidro de janela para as antigas vidraças custava 200 reis. Imagine-se um carpinteiro, que ganhava 300 reis por dia, partir um vidro!

Continua no próximo número

1. Um dos negociantes ingleses foi Guilherme Brander a quem foi oferecido um carneiro, como está registado no livro de Contas por este ter oferecido “ 3., sinos à Igreja nova, que pesão todos 13 arrobas e meia”
2. Mendonça, António Furtado de, Padre, *Memórias do Pico da Pedra, Junta de Freguesia de Pico da Pedra, 1993, pp.12.*
3. O número de almas contado nos róis de confessados apenas abrangem os maiores de sete anos, pelo que o número de habitantes deveria ser um pouco superior.
4. Mendonça, MPP. p. 77.
5. Mendonça, MPP. p.68
6. Os vidros eram importados do Continente, Figueira da Foz, e de Inglaterra, de acordo com uma estatística de importação de produto s do ano de 1813, publicada na Revista Michaelense, página 651- Ano 3, nº1, Maio de 1920.

VOZ POPULAR

Propriedade : Casa do Povo de Pico da Pedra
Redacção, Composição, Distribuição
 Rua Dr. Dinis Moreira da Mota, 32
 9600 PICO DA PEDRA
 Telefone / Telefax: 296 490 350
 Impressão – Gráfica Açoriana

CENTRO DE DIA E DE CONVIVIO "S. JOSÉ"

Coordenadora Tânia Bento

Em DIA MUNDIAL DA PASTELARIA...

... uma tradição britânica, conhecida como "World Baking Day", demos um toque regional a esta celebração, nas nossas instalações de centro de dia, tal como se nos encontrássemos no exterior, rodeados de bons amigos, cappuccino com natas e canela e, um pouquinho de açúcar, colocados à nossa disposição, uma variedade de sabores e bolos tentadores.



Do chocolate, ao creme de ovos, do chantilly a outros afins culinários e, porque um dia não são dias, a nossa tarde foi feita de amizade e degustação, dedicando-nos a proporcionar alegria e, fazer os nossos utentes sentirem-se ainda mais especiais, numa experiência de reforço dos laços de amizade e gratidão pela nossa presença todos juntos.

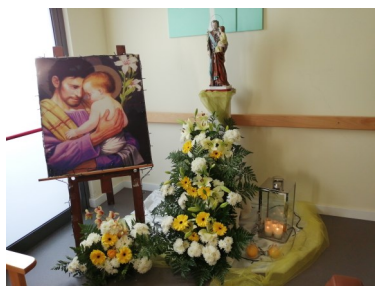
JOGOS DE PÁSCOA



Com o aproximar-se de mais uma época festiva, enquadrámos nas nossas atividades programadas de Páscoa, a realização de jogos e de brincadeiras temáticas, que foram uma mais-valia na ocupação salutar dos tempos livres dos nossos séniores.

Este tipo de iniciativas vocacionadas para a promoção de um envelhecimento ativo e combate ao sedentarismo permitiram, também, a partilha de opiniões, a reflexão grupal, o manuseamento de diversificados objetos, no âmbito das manualidades e, das dinâmicas realizadas, sob a forma de uma intervenção mais harmoniosa, em prol do desenvolvimento do espírito de grupo, de iniciativa e, de expressão livre/crítica pretendidos, de acordo com as necessidades e expectativas dos nossos utentes que, a avaliar pela participação não saíram gorados!

DIA DE SÃO JOSÉ



No passado dia 20 e 24 de março, as nossas instalações viveram um autêntico ambiente de festa, extensível um pouco ao longo de todo o mês de março, tendo-se dinamizado algumas iniciativas comemorativas dedicadas a São José, por sinal, o nosso Santo Patrono, que, por assim, "batizou" o nosso Centro de Dia e Convívio e, a quem dedicamos um altar.



Entre cânticos, momentos de oração e meditação do terço e, celebração eucarística prestamos a nossa singela, mas sentida e carinhosa homenagem ao pai adotivo de Jesus, graças à colaboração ativa de alguns parceiros que acolheram as nossas iniciativas, contribuindo assim para a promoção da espiritualidade e bem-estar dos nossos idosos, a quem expressamos a nossa gratidão.

"ABRAÇO COM HISTÓRIAS"



À semelhança de outros momentos já experienciados, em março fomos agraciados com mais uma atividade de leitura e partilha, regada com riso e ludicidade qb, dinamizada nas nossas instalações, com a estreita colaboração do corpo

de colaboradores da Biblioteca Daniel de Sá que, nos brindaram com mais uma ação do projeto "Abraço com Histórias" e, desta feita, trazendo ao nosso centro de dia e convívio, mais uma inovação, a sua Biblioteca Sobre Rodas, uma maneira diferente de trazer letras e livros aos mais idosos.

CATLS "Mundo Mágico", e "Pequenos Curiosos"

Coordenador
Nelson Alves

Romarias

Como já é hábito da nossa Instituição, este ano celebramos a Páscoa com uma romaria intergeracional, juntando os idosos e as crianças. Primeiramente, procedeu-se a uma ação de sensibilização sobre o simbolismo da romaria e os significados dos adereços que osromeiros utilizam durante a sua caminhada de fé, por parte do Mestre Carlos Cabral, ao qual agradecemos veemente pela sua intervenção. Em seguida, os participantes, em romaria, deslocaram-se em oração para a igreja da nossa freguesia, onde fizeram uma oração, regressando novamente para as instalações da Casa do Povo para um pequeno convívio.



Páscoa



Para além da romaria, os nossos CATLS (Mundo Mágico e Pequenos Curiosos) celebraram esta ocasião ao construir um centro de mesa com a colaboração das crianças para ofertar aos pais dos nossos utentes.

Torneio de Badminton



Em parceria com a Associação de Badminton de São Miguel e com a Ponte Norte, alguns meninos dos CATLs Pequenos Curiosos e Mundo Mágico participaram num torneio de Badminton e de Vôlei na Escola Gaspar Frutuoso onde tiveram a oportunidade de conviver com os meninos de outros CATLs do Concelho da Ribeira Grande



Teatro nos CATLs (CIPA)

O CIPA – Centro de Informação, Promoção e Acompanhamento de políticas de igualdade – veio aos nossos CATLs apresentar uma peça de teatro, sensibilizando para a existência de diferentes tons da cor da pele, de forma a que as nossas crianças estejam preparadas para um mundo intercultural. Foi do agrado de todos e agradecemos ao CIPA e aos restantes protagonistas por esta iniciativa.



Festa da flor

Já é costume a nossa Instituição participar na Festa da Flor do Concelho da Ribeira Grande. Este ano solicitaram-nos que decorássemos uma bola com cerca de 70cm de diâmetro com a temática das flores, utilizando materiais reciclados. Deste modo, com a colaboração dos pais, que aproveitamos esta oportunidade para agradecer, reproduzimos uma flor de hortênsia com as garrafas de plástico que nos foram fornecidas, criando uma flor com cada garrafa, de modo a produzir uma flor maior com o conjunto destas flores.



Dia da Mãe

No dia 4 de Maio, a Rede de Apoio à vítima de violência doméstica e Mulher em risco de São Miguel veio às instalações do CATL Mundo Mágico para contar a história do livro 'Mãe, querida mãe!', de Luísa Ducla Soares, assinalando o Dia da Mãe, promovendo a reflexão sobre a importância e os tipos de figura maternal.

Para além disso, as crianças puderam criar, com o apoio dos ajudantes de educação, um livro de receitas personalizado com os seus desenhos para ofertarem às suas respetivas mães.



Robótica e Teatro

O CATL Pequenos Curiosos, para além das atividades já referidas, continua a ter as suas sessões de Robótica às quartas-feiras e as sessões de teatro às terças-feiras em parceria com a Ponte Norte.



Flash

PICOPEDRENSE MARIANA CABRAL RENOVA COM O SPORTING POR DUAS ÉPOCAS

A picopedrense Mariana Cabral vai continuar a ser a treinadora da equipa feminina do Sporting, anunciou o emblema leonino, em comunicado.

A técnica, de 35 anos, natural do Pico da Pedra, renovou o contrato que a liga ao emblema de Alvalade por mais dois anos, até 2025, ela que chegou ao clube em 2016/17, para trabalhar na formação.

Desde 2021/22 que é a timoneira da formação principal. «A época não foi aquilo que nós desejávamos que fosse, mas nós acreditamos muito, o clube também acredita e acho que essa sintonia de vontades vai continuar a fazer



com que todos possamos crescer juntos», admitiu.

«Conheço bem o clube, o clube também me conhece muito bem e sabemos quais são os nossos pontos fortes e pontos fracos, aquilo que temos de melhorar e onde o projeto precisa de evoluir e crescer. Isso vai acontecer e eu quero muito contribuir para que o projeto cresça», acrescentou.

Recorde-se que Mariana Cabral foi, recentemente, madrinha da equipa de formação feminina do Vitória do Pico da Pedra.

DIA MUNDIAL DA ÁRVORE

No dia 27 de março, pelas 16h30 minutos, a Casa do Povo de Pico da Pedra celebrou o Dia Mundial da Árvore, com a participação das três valências Creche Pedrinha Mágica, CATL Mundo Mágico, Pequenos Curiosos e Centro de Dia e Convívio São José.

Esta iniciativa foi promovida pelo Dr. Teófilo de Braga que se disponibilizou para sensibilizar e falar da importância da árvore nas nossas vidas e no ecossistema como um todo.

Além do seu papel vital na sustentação da vida, fornecendo abrigo a alimento a inúmeras espécies e ajudando a regular o clima global, as árvores também nos presenteam com a sua beleza e sombras, tornando os lugares mais agradáveis, tal como o jardim desta Instituição.

Esta atividade culminou com a plantação de uma árvore, pelo jardineiro desta Instituição, Filipe Rui Travassos, permitindo-nos assim daqui uns anos usufruir da sua beleza.





Flash

CONCURSO DE MAIOS



No passado dia 1 de maio, a Casa do Povo de Pico da Pedra levou a efeito mais um "Concurso de Maios", o que já vem sendo tradição na nossa freguesia. O Júri, composto por Rita Viana, José Manuel Duarte e

André Oliveira, decidiu por unanimidade a seguinte classificação:

1º Lugar: Diana Carina Sousa Alves

2º Lugar: Filipe Rui Costa Travassos

3º Lugar: Maria José Sampaio

Agradecemos, desde já, a colaboração de todos os participantes.

IMPÉRIO DOS AVÓS

A devoção ao Divino Espírito Santo está fortemente implantada no coração dos Açorianos, pelo que, neste período, em todas as nossas freguesias, os Mordomos tudo fazem para que os Impérios decorram com dignidade, devoção e solidariedade para com os mais desfavorecidos. Na nossa Casa do Povo, também erguemos um altar em honra do Divino Espírito Santo, estando previsto a realização de um pequeno cortejo no nosso jardim e as famosas Sopas que serão distribuídas pelos nossos utentes e funcionários.



ALMOÇO AOS ROMEIROS



Uma vez mais, as funcionárias da nossa Instituição prepararam, com muito amor, o almoço que tradicionalmente



oferecemos na Quinta-feira Santa ao nosso Rancho de Romeiros, no Pavilhão Multiusos, gentilmente cedido para o efeito pela Junta de Freguesia de S. Vicente Ferreira.



Casa do Povo
Pico da Pedra



45 anos a servir o Pico da Pedra



RADAR

Negativo

Positivo



Nunca é demais tocar neste assunto e, conforme a foto bem o ilustra, continua-se a verificar a falta de civismo.

Há dias próprios para a recolha de lixo em todas as artérias da freguesia. Se colocarem à porta pela manhã, não se corre o risco de se constatar situações dessas nem dos animais romperem os sacos e espalharem o lixo.



As linhas contínuas AMARELAS em vários pontos da freguesia, significam que não se pode estacionar. No entanto, as transgressões são uma constante, muitas vezes em locais onde o trânsito fica deveras caótico. Vamos lá ser um pouco mais disciplinados!



Chegou ao conhecimento aqui do Radar a preocupação e consternação de alguns pais, das crianças que fizeram este mês a 1ª Comunhão. Ao que tudo indica, receberam um correio eletrónico para pagarem o culto. Se é dever e obrigação, não nos pomos nisso. Apenas se sentiram "pressionados e chantageados" da maneira como foi exposto o assunto. Haja mais sensibilidade então!



As nossas felicitações ao Vitória Clube, concretamente às equipas de Juvenis (Campeã da Taça de S. Miguel), de Iniciados (vencedora da Taça de São Miguel) e Benjamins A – Sub 11 (campeã de S. Miguel). É o culminar de muito trabalho entre técnicos, atletas, Direção e pais. Estão todos de parabéns! O Vitória não é grande... é ENORME!



Boa notícia também e, já não era sem tempo, será disponibilizada na freguesia mais uma máquina ATM. Para a nossa realidade, uma só é pouco e para além do mais, estando praticamente sem dinheiro aos fins de semana...



Depois de dois anos sem termos as nossas festas em honra do Divino Espírito Santo, este ano voltamos a poder comemorar estas festividades. Um bem-haja a todos os Mordomos pelo esforço e dedicação, para que as mesmas se realizem com alegria e com a dignidade que merecem!



Flash

TOMADA DE POSSE

No passado dia 02 de junho e na Sede do Vitória Clube do Pico da Pedra, tomaram posse os Sócios que irão constituir os Órgãos Sociais do Clube para o próximo triénio.

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Roberto Morais Sarmiento Calisto

Vice-Presidente: Filipe Moisés Oliveira Medeiros

Secretária: Helena Maria Oliveira Medeiros

Suplente: Livia de Fátima p. Amaral Medeiros

CONSELHO FISCAL

Presidente: Leonardo Manuel Cabral Oliveira

Vice-Presidente: Marco Filipe Pimentel Pires

Secretário: Mário Jorge Cordeiro Oliveira

Suplente: Ernesto Manuel dos Santos e Sousa

DIREÇÃO

Presidente: Ricardo Manuel Adolfo da Estrela

Vice-Presidente: Rita Maria Couto Pacheco Viana

Tesoureira: Ana Isabel Borges do Rego Silva da Ponte

Secretária: sara Beatriz Franco Almeida

1º Vogal: Emanuel Carreiro Viana

2º Vogal: João Manuel Gaspar Pereira

3º Vogal: Teresa de Jesus batista Medeiros Avelino

1º Suplente: Pedro Olivério Pacheco Soares

2º Suplente: Diana Filomena Pimentel Medeiros Pereira



SUPLEMENTO



EB1/JI Professor António Augusto da Mota Frazão

Escola

Criativa

Dia Europeu da Criatividade Artística na escola EB1/JI Professor António Augusto da Mota Frazão

No passado dia 21 de março, na escola EB1/JI Professor António Augusto da Mota Frazão comemorou-se o Dia Europeu da Criatividade Artística.

Aliou-se esta data ao início da estação mais colorida do ano e sugeriu-se aos pais que, juntamente com os seus filhos, construíssem chapéus com motivos de primavera. A iniciativa foi tão bem acolhida por todos que os chapéus surgiram como se de uma explosão de criatividade se tratasse!!!

Assinalou-se o dia com um colorido desfile, no qual, em cada um dos chapéus, estava estampada a arte de criar e inventar.

Esta atividade culminou numa exposição de primavera que reflete o quão cada um de nós consegue ser original e inventivo!



Dia da Criança

A Escola EB1/JI Professor António Augusto da Mota Frazão assinalou o Dia Mundial da Criança com diversas atividades, de forma a proporcionar um dia alegre e bem divertido a todos os alunos.

Neste dia tão importante, o recreio e o ginásio da nossa escola, bem como, o Parque Pedagógico Infantil Maria das Mercês Carreiro foram os palcos das celebrações com jogos, maratona, ilustração de um painel alusivo ao dia e insufláveis. As crianças brincaram, jogaram, correram, desenharam e encantaram-se com a energia contagiante desta comemoração.

Para também assinalar esta festividade, a Junta de Freguesia do Pico da Pedra, ofereceu às nossas crianças uma caixa de lápis de cera e um bloco com desenhos para colorir, onde constava uma mensagem alusiva a este dia, à qual ficamos muito gratos com a iniciativa.

Com a ajuda e dedicação de toda a comunidade escolar, conseguimos proporcionar um dia muito animado às nossas crianças, repleto de energia, sorrisos, diversão e de muito afeto.



Ateliers com o Projeto Pensamento Computacional

O último dia de aulas do 2.º período, foi assinalado na escola EB1/JI Professor António Augusto da Mota Frazão de uma forma diferente do habitual.

Alunos e professores tiveram a oportunidade de conhecer o Projeto do Pensamento Computacional, um projeto pedagógico muito importante para o sucesso educativo, que já se encontra implementado em muitas escolas da nossa região. Pensamento Computacional significa ter uma maneira de pensar ou até mesmo ter uma estratégia para resolver determinadas situações ou problemas de forma autónoma e eficaz com bases computacionais.

Neste dia, deslocaram-se à escola do Pico da Pedra, alguns membros da Equipa do Pensamento Computacional de São Miguel que dinamizaram vários ateliers demonstrati-

vos do projeto, tais como: Camelot JR, Aprender a Programar, PConduku, Matatabab, Beebot, Jogos dos Arcos, dos Elásticos e da Travessia.

O Núcleo da EB1/JI Professor António Augusto da Mota Frazão agradece à Equipa do Projeto Pensamento Computacional, por ter acedido de forma tão pronta, simpática, profissional e dinâmica à nossa solicitação, proporcionando aos nossos alunos uma manhã muito divertida repleta de experiências muito enriquecedoras, através da realização de várias atividades lúdico-didáticas.



Dia da Família

O Dia da Família foi assinalado na escola, no dia 18 de maio, com a presença de pais, avós, irmãos, tios, padrinhos...

A escola organizou uma tarde de jogos, onde os alunos e familiares puderam jogar a pares ou em grupos: jogos de mesa, jogos tradicionais ping-pong, matraquilhos, basquetebol, arcos, futebol de lata e desenhar num mural.

As atividades proporcionaram momentos de convívio, divertimento e alegria entre todos. Apesar da chuva, que atrapalhou um pouco a organização dos espaços de jogos no exterior, foi notória a boa disposição entre todos e a alegria no rosto das crianças. Família e escola são as principais referências para os alunos e a base para a sua formação humana e académica. Por isso, família e escola precisam trabalhar em conjunto e apoiarem-se mutuamente – sem a escola, a família não consegue suprir as necessidades educacionais e, sem a família, a escola não consegue oferecer todo o



suporte emocional e afetivo que as crianças precisam para se desenvolver.

Estabelecer uma parceria entre a família e a escola é fundamental para que isso ocorra, sendo assim, é preciso proporcionar a participação dos familiares no dia a dia escolar.

Foi desta forma, aproveitando a comemoração do Dia da Família que a nossa escola proporcionou mais um momento de partilha com os familiares dos nossos alunos.



Casa do Povo
Pico da Pedra



45 anos a servir o Pico da Pedra

Jantar de Angariação de Fundos na Casa do Povo do Pico da Pedra

Turmas do 3º ano a Caminho da Concretização de um Sonho...

As turmas do terceiro ano da escola EB1/JI Professor António Augusto da Mota Frazão, ao longo deste ano letivo iniciaram um Projeto, que terminará com uma viagem a Lisboa, no final do 4º ano, em junho de 2024.

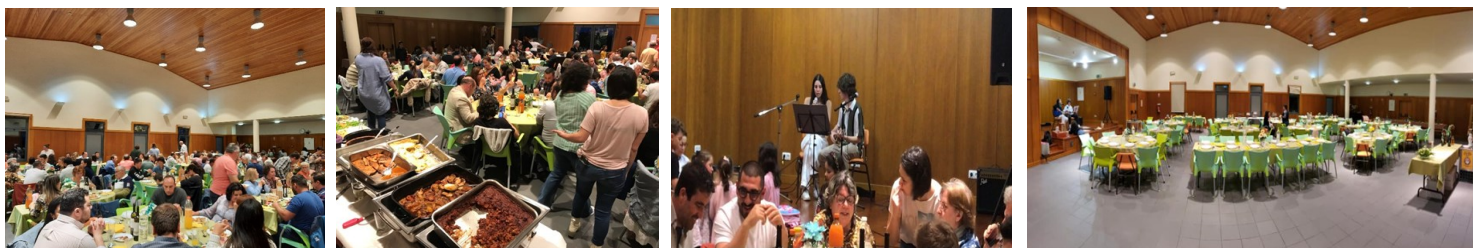
Têm sido realizadas várias atividades, tais como: Feira de Usados, Rifas, Cabaz de Páscoa, confeção de doces, posto de venda no Carnaval...

Para essas vendas têm contado, semanalmente, com a grandiosa ajuda da Cooperativa, do restaurante Canto da Fonte e do café Gonçalo.

Em maio, foi gentilmente cedido, pela direção da Casa do Povo, o salão do edifício

desta instituição, com todos os apetrechos necessários, para a realização de um jantar com cerca de cento e oitenta pessoas. O jantar foi organizado e confeccionado pelas docentes, alunos e pelos pais e teve, para animar a noite, Bingo, arrematações e a presença de dois jovens músicos, Maria Costa e Filipe Mourato. Para este jantar contou-se também com o apoio das lojas Continente, Salsiçor, Sicosta, Insulac, Parque Terra Nostra, Futurismo, Stand Papagaio, Hotel Verde mar, Sabor de vida.

As docentes das respetivas turmas, os alunos e os respetivos pais agradecem a ajuda de todos os que têm contribuído para a concretização do sonho destas crianças.



Projeto-Expressividades

No passado dia 7 de junho, as turmas do 2.º ano da Escola EB1/JI Professor António Augusto da Mota Frazão, entraram em cena com a peça de teatro “A princesa feia”, no auditório da Escola Rui Galvão de Carvalho, em Rabo de Peixe. Foi sem dúvida um momento mágico e de muita alegria!

Esta peça foi preparada no âmbito do projeto “Expressividades”, pela Associação VidAçor– Associação de Desenvolvimento Comunitário, bem como, pelas professoras titulares de turma.

Todo o trabalho foi desenvolvido ao longo do ano letivo, através da área curricular de educação artística, na qual as crianças puderam dramatizar, cantar e elaborar os cenários e acessórios das personagens, indo assim ao encontro das

aprendizagens essenciais que se pretendem trabalhar no 2.º ano de escolaridade.

Com muito entusiasmo e dedicação, as nossas crianças deram vida às personagens e revelaram-se verdadeiros artistas. Através da magia do teatro elas transmitiram a todo o público que a verdadeira beleza está no coração das pessoas.

Os pais e encarregados de educação foram convidados a estarem presentes neste dia especial para as nossas crianças, no qual agradecemos a sua preciosa presença.

O teatro é sem dúvida, uma mais-valia para o desenvolvimento global da criança, tanto a nível cognitivo como afetivo, permitindo também explorar a música, a dança e as artes visuais.



Educar para a Cidadania

No âmbito da Educação para a Cidadania, a Associação Açoriana Boneca de trapos, realizou no dia 5 de junho, na escola EB1/JI Professor António Augusto da Mota Frazão uma atividade sobre o ambiente “A Abelha Julinha”, para os alunos do pré-escolar.

Foi uma atividade bastante interessante, na medida em que cativou as crianças e permitiu conhecer o ciclo de vida das abelhas.

No final, ainda houve tempo para uma canção/dança, apelando à participação das crianças.

